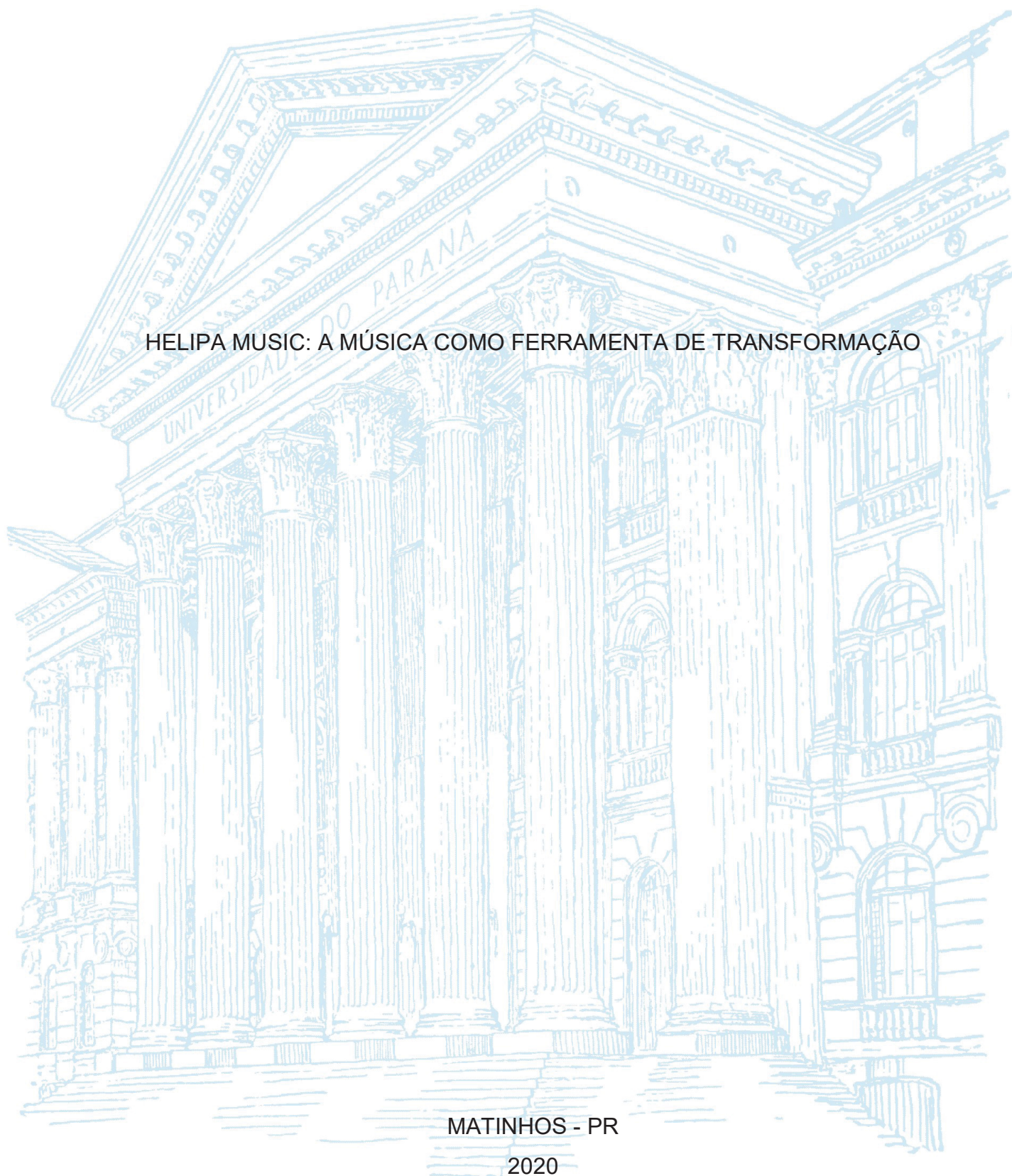


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DOUGLAS CAVALCANTE DE JESUS

HELIPA MUSIC: A MÚSICA COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO



MATINHOS - PR

2020

DOUGLAS CAVALCANTE DE JESUS

## HELIPA MUSIC: A MÚSICA COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Ms(a) Suzan Regina Raitz Cavallet

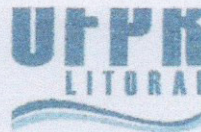
MATINHOS

2020





Ministério da Educação  
Universidade Federal do Paraná  
Setor Litoral  
Curso de Especialização em Alternativas para  
uma Nova Educação



## TERMO DE APROVAÇÃO

DOUGLAS CAVALCANTE DE JESUS

### HELIPA MUSIC: A MÚSICA COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO

Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

Profª. Ms(a) Susan Regina Raittz Cavallet  
Orientador(a)

Profº. Dr(o). Valdo José Cavallet

Prof(a). Dr(a) Lenir Maristela Silva

Douglas Cavalcante de Jesus

Matinhos, 06 de Dezembro de 2019.

Dedicado a todas as pessoas que acreditam e trabalham por um mundo melhor, com equidade e justiça social.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a geral que fortaleceu esse trampo!

Em primeiro lugar à UNAS pelas oportunidades e espaços que a organização me deu. Em especial a todos(as) trabalhadores(as) que estão no dia a dia mudando a vida de tantas pessoas, sem vocês não seria possível realizar este estudo.

Agradeço minha companheira Rafaela que sempre me motiva e incentiva a seguir meus sonhos.

Também agradeço à minha mãe que é minha referência na vida.

Agradeço à minha parceira de turma, Laila Sala, por todas as conversas, trocas e companhia nas longas viagens até o Paraná

E, por último, a todos educadores e estudantes da ANE que compartilharam seus saberes e suas histórias de vida, cuja diversidade e riqueza muito me ensinaram.

***Disposto moleque novo tem um sonho  
Quer expandir, crescer sorrir, buscar  
Novos horizontes, avante!***

Avante o Coletivo

## RESUMO

Este trabalho apresenta algumas reflexões realizadas a partir das práticas dos CCAs (Centros para Crianças e Adolescentes) administrados pela UNAS (União de Núcleos e Associações de Moradores de Heliópolis e Região) em convênio com a PMSP (Prefeitura Municipal de São Paulo), em especial a que se refere ao Festival Helipa Music, evento de Hip Hop no qual os educandos dos CCAs apresentam obras artísticas compostas ao longo do ano por meio de oficinas. Partindo da história de vida do autor do texto, em especial de sua relação com o Hip Hop, o trabalho busca elaborar uma concepção ampla de educação, para além da que se faz na escola. Para tanto, através da análise das letras elaboradas pelos educandos dos CCAs e de conversas informais com os oficinairos, traça um diálogo entre a metodologia utilizada nas oficinas de Hip Hop e os Círculos de Cultura de Paulo Freire. Procura, então, mostrar que o Hip Hop, aliado às metodologias centradas nos saberes dos educandos, buscando ampliá-los, contribui com a construção de uma leitura crítica do mundo.

Palavras-chave: Educação 1. Hip Hop 2. Círculo de Cultura 3. Heliópolis 4. Bairro Educador

## **ABSTRACT**

This work presents some reflections made from the practices of the CCAs (Centers for Children and Adolescents) administered by UNAS (Union of Associations of Residents of Heliópolis and Region) in partnership with the PMSP (São Paulo City Hall), in particular the one referring to the Helipa Music Festival, a Hip Hop event in which the students of the CCAs present artistic works composed throughout the year through workshops. Starting from the life story of the author of the text, in particular his relationship with Hip Hop, the work seeks to elaborate a broad concept of education, beyond what is done at school. To this end, through the analysis of the lyrics prepared by the students of the CCAs and informal conversations with the workshop staff, it traces a dialogue between the methodology used in the Hip Hop workshops and Paulo Freire's Culture Circles. It then try to show that Hip Hop, combined with methodologies centered on the students' knowledge, seeking to expand them, contributes to the construction of a critical reading of the world.

Keywords: Education 1. Hip Hop 2. Circle of Culture 3. Heliópolis 4. Bairro Educador



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Festival Helipa Music 2018. Foto de Douglas Cavalcante .....	20
Figura 2 - Helipa Music 2018. Foto de Douglas Cavalcante.....	28

## Sumário

<b>1 – INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
1.1 – CONSCIÊNCIA DE QUEM SOU .....	10
1.2 – PELA NECESSIDADE ME FIZ SER QUEM SOU .....	12
1.3 – O RAP NA MINHA VIDA .....	13
1.4 – O QUE VOCÊ VAI ENCONTRAR NESTE TRABALHO .....	14
<b>2 – CONTEXTUALIZAÇÃO DO TERRITÓRIO.....</b>	<b>16</b>
2.1 – HELIÓPOLIS .....	17
2.2 – UNAS .....	17
2.3 – CCAS .....	19
<b>3 - HELIPA MUSIC E OS CÍRCULOS DE CULTURA DE PAULO FREIRE.....</b>	<b>20</b>
<b>4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS - TODOS ESSES MOLEQUES SÃO EU .....</b>	<b>28</b>
<b>5 - REFERÊNCIAS .....</b>	<b>29</b>

## 1 – INTRODUÇÃO

### 1.1 – CONSCIÊNCIA DE QUEM SOU

Comecei aos sábados e domingos  
quando vi  
tava aqui a semana toda

trabalhava na oficina  
estudava no Ataliba  
e curtia o pancadão

virei morador  
vivo em paz  
posso dizer:

a mídia aumenta  
a polícia bate aqui  
e fica, pra quê?

nem Paquistão,  
nem Gaza, caminho  
seguro até alta madrugada

acredito na conquista  
da terra e no debate  
engrosso a luta

falo, converso, divulgo  
e quando ensino  
aprendo mais

se você me descreve  
certamente dirá  
“é moreninho”

mas se pergunta  
minha cor, digo preto -  
Mandela, que cara foda!

eu vou bater  
de porta em porta, plantar  
o bem, construir hortas

carregando orações de Mano Brown e,  
tatuado, o amor  
de minha mãe, vou longe.  
Bruna Beber

Comecei com este poema porque ele representa o começo da minha militância em Heliópolis. Em 2012 participei de um projeto social realizado pela UNAS (União de Núcleos, Associações de Moradores de Heliópolis e região) chamado “Heliópolis + Sustentável”. O projeto tinha várias vertentes, a que participei, “Incubadora”, consistia em um processo de formação para elaborar um

projeto de sustentabilidade para o território, a proposta que criei chamava-se “Plante o Bem” e propunha instalar jardins verticais em vários espaços da comunidade com o objetivo tanto de aumentar a quantidade de plantas no bairro, quanto de resgatar a cultura nordestina – origem de grande parte dos moradores –, que tem o costume de plantar seus próprios temperos em casa.

Como mostra o poema, eu não morava em Heliópolis, nasci na Vila Carioca e sempre morei de aluguel. Mas mesmo não morando na favela, eu trabalhava, estudava e vivia momentos de lazer (no “pancadão”) lá. E apesar de a mídia veicular, na época, Heliópolis como um local perigoso, eu nunca me senti inseguro na comunidade. Quando tinha 14 anos, minha mãe conseguiu comprar a sonhada casa própria: três pequenos cômodos na maior favela de São Paulo, para nós era incrível, era nosso!

Comecei a trabalhar com 15 anos e passei por vários trabalhos. Queria muito ajudar a minha mãe financeiramente, mas sentia que aqueles empregos não eram o meu lugar. Quando eu fiz 19 anos, fui estudar no SENAI porque pensava que trabalhar em metalúrgica era o que dava dinheiro. Ainda assim, mesmo quando terminei o curso, não consegui arrumar nenhum emprego.

Foi quando soube de um projeto que estava rolando na UNAS, que possibilitava uma bolsa auxílio. Ao ir conhecer o projeto tive o primeiro contato com a Prof<sup>a</sup> Arlete Persoli (a primeira gestora do CEU Heliópolis que hoje dá nome ao equipamento). A Arlete me chamou para trabalhar como agitador cultural daquela iniciativa e, logo depois, convidou para fazer parte também de outra atividade chamada “Incubadora”.

Trabalhar no “Heliópolis + Sustentável” foi um divisor de águas porque através deste projeto conheci a história da favela onde eu morava (e moro) e de como ela foi se transformando. Conhecer a luta pela terra dos moradores de Heliópolis foi essencial no processo de formação da minha militância, do meu trabalho e do meu papel como educador em um lugar que vêm buscando se transformar em um Bairro Educador. Conhecer a história de Heliópolis também me mostrou que eu tinha um papel na continuidade das lutas que tinham sido feitas antes de mim. Na formação que tive nesse projeto, ampliei meu olhar para muito além das questões ligadas às áreas verdes. Aprimorei meu olhar, principalmente, em direção às pessoas e às relações sociais, políticas e culturais delas entre si e com seu entorno.

Até trabalhar no projeto “Heliópolis + Sustentável”, parecia que eu só “passava” pelas coisas. Porém, ao longo da experiência nesta ação, comecei a ter mais consciência de quem eu sou e, desde então, esta consciência só aumentou.

## 1.2 – PELA NECESSIDADE ME FIZ SER QUEM SOU

A experiência de trabalho na UNAS me ensinou que eu tinha direito a acessar uma faculdade, mesmo assim, quando eu ingressei, tive muita dificuldade por conta de algumas defasagens que tive na escola. Pelo que sei, fui o primeiro da minha família a fazer o ensino superior.

Logo no primeiro semestre eu já sentia essas dificuldades, me acompanhava sempre a sensação de que eu não ia conseguir terminar. Na minha turma, só tinha eu e mais uma pessoa negra. Eu não me sentia pertencendo àquele lugar, havia sempre uma sensação de estar atrás de todo mundo, claramente eu não tinha partido do mesmo ponto que os outros.

Por exemplo, neste período da faculdade senti falta de todos os professores de matemática que eu não tive durante a minha estada na escola, época em que eu era violado no meu direito à educação. No entanto, só fui ter consciência daquela violação dois anos depois, quando eu senti na pele a falta que as aulas de matemática me fizeram. A minha aprendizagem sempre foi “na raça”, mas pensar a educação enquanto direito hoje me faz perceber o quanto eu fui violado nesse direito. Não tive aulas de matemática porque não tinha professores disponíveis, mesmo já nos anos 2000, a escola pública tinha vários problemas. Eu já trabalhava e queria estudar, mas não tinha professores. Quer dizer, apesar de ter um senso comum que diz que os estudantes do ensino noturno não querem estudar, no meu caso isso não era verdade.

Aprendi muita coisa pela necessidade, não exatamente por vontade. Isso é resistência: aprender mesmo com o direito à educação sendo negado. Quem formou a minha consciência foram experiências de educação não formal e mesmo informal.

Entre na faculdade de Contabilidade com mais ou menos 20 anos e já trabalhava na UNAS, primeiro como auxiliar administrativo e depois na área contábil. Com frequência, contabilizava as notas fiscais do site da UNAS, o que me despertou a curiosidade, por ele não estar sendo alimentado. Ofereci-me para produzir este material e colaborava com o jornal comunitário e com os conteúdos postados nas



redes sociais. Logo fui chamado para inaugurar a área de comunicação da UNAS. E, apesar de não ser essa a minha formação inicial, me interessava muito por ajudar na divulgação das potencialidades das ações desenvolvidas pela organização, considerava isso da maior importância, quero que todos fiquem sabendo das coisas boas que a minha favela produz.

No início, fui aprendendo sobre comunicação na própria prática de produzir essas coisas no site, no jornal e nas mídias sociais. Fui criando tudo intuitivamente, procurando na internet, imitando estilos de outros sites e com a ajuda de outras pessoas. Passei, então, a escrever mais dada a necessidade colocada por este trabalho. Com a fotografia foi quase a mesma coisa. Às vezes eu sinto que no fundo era isso que eu sempre quis fazer, então era fácil e gostoso aprender.

Ao longo deste trabalho, você poderá ver algumas das fotos que fiz de edições do Helipa Music, como uma das formas de mostrar isso que tem de bonito na minha favela. Essas fotos fizeram parte da minha apresentação na CONANE Caiçara, requisito para a minha formação neste curso de Especialização.

### 1.3 – O RAP NA MINHA VIDA

Comecei a escutar rap na adolescência. Minha mãe está com seu atual companheiro desde que eu tenho mais ou menos 9 anos, mas eu nunca tive uma relação muito boa com meu padrasto, de certa forma sentia que ele queria me privar de algumas coisas, ele me impunha muitas restrições, o que provocava muitos conflitos entre nós. E, como eu era obrigado a ficar muito tempo em casa, o rap virou meu amigo, me ajudou a enfrentar estes momentos.

Várias letras de rap me ajudaram em muita coisa. Eu aprendia muito com o rap, aprendia coisas que a escola não me ensinava; é por causa do rap que começa a constituição da minha consciência como negro, morador da periferia. Lembro de uma letra do Racionais MCs, “A vida é um desafio” do álbum “Nada como um dia após o outro”, 2002,

*“É necessário sempre acreditar que um sonho é possível  
Que o céu é o limite e você, truta, é imbatível”*

O rap me ensinou que eu ainda podia viver muitas outras coisas, que não havia limites para as possibilidades do que eu poderia ser. O rap para mim foi um alento, me mostrou várias coisas. Grupos como SNJ, Facção Central, Racionais

MCs tinham letras que falavam do que eu vivia. Na sociedade e dentro da minha casa tinha essa visão de que o rap era coisa de bandido, o rap era proibido para mim, então eu ouvia tudo escondido, bem baixinho. Mas o rap era tão importante que eu dava meu jeito de ouvir, às vezes eu colocava uma toalha na fresta da porta para não vazarem o som e “atrapalhar” meu padrasto, até nesse momento a música me confortava:

*“Que o tempo ruim vai passar, é só uma fase  
Que o sofrimento alimenta mais a sua coragem”<sup>1</sup>*

#### 1.4 – O QUE VOCÊ VAI ENCONTRAR NESTE TRABALHO

Interessei-me pelo tema que desenvolverei neste trabalho ao fotografar um dos eventos da UNAS chamado “Helipa Music” no qual os educandos dos Centros da Criança e do Adolescente (CCAs) apresentam uns para os outros e para as suas famílias uma performance musical produzida ao longo do ano a partir de um tema.

A princípio, para mim, o “Helipa Music” era só mais um evento, mas ao ouvir as músicas produzidas pelas crianças e adolescentes percebi a importância desta atividade para esses educandos. Eles não só cantavam de modo corriqueiro, mas cantavam sobre si mesmos e sobre as questões importantes para a comunidade. Não cantavam clichês, falavam a partir da sua vivência, do que sabiam. E, por conta da minha experiência com o rap, me identifiquei com aquelas crianças e aqueles adolescentes.

Em 2018 ingressei na pós-graduação, no curso “Alternativas para a Nova Educação” (ANE) da UFPR-Litoral, e impulsionado pelas reflexões feitas ao longo da ANE, fiquei me perguntando o que são as alternativas para a nova educação no meu território, que é Heliópolis. E depois de alguns encontros pensei: o que há em Heliópolis que pode ser replicado em outros territórios? Lembrei então do “Helipa Music” justamente porque o entendi como um processo de aprendizagem. Até então, eu pensava a educação como uma atividade meramente escolar e o “Helipa Music” como um simples evento cultural. Na ANE entendi que o “Helipa Music” é educação também e, por isso, passei a pensar nas ações que fazemos na UNAS de modo mais integrado e o “Helipa Music” se tornou, para mim, uma alternativa para a nova

---

<sup>1</sup> Racionais MCs, “A vida é um desafio” do álbum “Nada como um dia após o outro”, 2002

educação. A ANE me fez refletir sobre as coisas que já acontecem no contexto onde eu estou inserido e as relações entre este contexto e a minha história de vida. E, assim, em busca de me inserir ainda mais no movimento que busca transformar Heliópolis em um Bairro Educador eu comecei a pensar no “Helipa Music” como educação e cultura.

Então, o trabalho que se segue pretende refletir sobre o processo de aprendizagem proporcionado por uma experiência, dirigida ou não, que se dá através da música, em especial do rap, na transformação pessoal e social, como aconteceu comigo e como, parece, acontece com as crianças e adolescentes que participam do Helipa Music.

No Capítulo 2 faço uma breve contextualização de Heliópolis e do trabalho da UNAS. A seguir, no capítulo 3, há uma articulação entre algumas referências teóricas e a metodologia de ensino-aprendizagem utilizada nas oficinas de Hip Hop ministrada pelo Avante O Coletivo nos CCAs administrados pela UNAS. Por último, nas considerações finais, faço uma reflexão sobre os processos de formação e o papel que eles exercem nas leituras de mundo que fazemos.

## 2 – CONTEXTUALIZAÇÃO DO TERRITÓRIO

Era uma vez uma favela  
 Que acendeu uma vela  
 Depois fico velha  
 E num ato de amor.  
 A justiça e igualdade  
 Virou comunidade  
 E renasceu bem mais bela  
 Como um bairro educador

Era um vez um lugar distante  
 Onde havia barro e alguns barracos  
 Uma família rica e dominante  
 Dizia: nós somos fortes eles são fracos  
 Como toda moeda tem dois lados  
 Tecendo a vida como uma artesã  
 Uma mulher educadora percebeu  
 Que a luta de hoje é a força do amanhã

Juntou-se ao marido  
 Juntou seus vizinhos  
 Sofreu violência e perseguição  
 Porém nada cala a voz da consciência  
 E resistência nasce da indignação

Quanta luta quanta gente  
 Quanta gente pra brilhar  
 Logo procurou-se a luz  
 Para todos iluminar

Ao invés de desistir e aceitar  
 Educar-se para sonhar  
 Ao invés de sonhar e refletir  
 Educar-se para agir  
 Ao invés de julgar e condenar  
 Educar-se para conscientizar  
 Ao invés de agredir e odiar  
 Educar-se para amar  
 Ao invés de excluir e separar  
 Educar-se para integrar  
 Ao invés de matar ou morrer  
 Educar-se para viver.  
 Na cidade do Sol, um homem corria  
 Olhava parava, falava e ouvia  
 Misturava comunidade, escola, família  
 Promovendo uma grande união coletiva  
 Educação pela Paz e paz pela educação  
 A caminhada faz parte, dessa nossa construção  
 Passo a passo, peça por peça, parte por parte  
 Um homem que rompeu barreiras da desigualdade  
 Muros paredes silêncio e o preconceito  
 Unificando o ensino pra melhora do gueto

Quanta luta quanta gente  
 Quanta gente pra brilhar  
 Logo procurou-se a luz  
 Para todos iluminar

Um novo dia trouxe o sol  
Que para poucos, costuma brilhar  
Porém Heliópolis é a Cidade do Sol  
E como um Girassol  
Em sua direção começou a Girar

Música: Era uma vez  
Artista: Avante o Coletivo  
Álbum Voavante, 2011

## 2.1 – HELIÓPOLIS

A maior favela de São Paulo tem origem em um cenário complexo. Entre os anos de 1971 e 1972, a Prefeitura de São Paulo retirou 153 famílias que viviam nas favelas da Vila Prudente e Vergueiro, primeiras na capital paulista, para construção do Viaduto Grande São Paulo e as acomodou em alojamentos “provisórios” no terreno do IAPAS (Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social) alojamentos estes que se tornaram permanentes. Além destas, outras famílias migrantes do nordeste do país, bem como dos trabalhadores das obras do Hospital Heliópolis e do Posto de Assistência Médica (PAM) foram construindo seus barracos na mesma localidade.

A partir daí a história é marcada por diversas ocorrências envolvendo a disputa de grileiros - que pretendiam impedir as ocupações e assim comercializar a terra que não lhes pertencia - de lutas contra a polícia, mas também pela mobilização dos moradores e pelo surgimento de lideranças em defesa da posse da terra e de melhoria da infraestrutura.

Heliópolis possui mais de 1 milhão de metros quadrados de ocupação e se localiza na região sudeste da cidade de São Paulo, a 8 km do centro. Em sua área, hoje, vivem cerca de 200 mil habitantes, o que faz de Heliópolis a maior favela da cidade. Os barracos deram origem a construções de alvenaria.

A realidade do território mudou muito ao longo dos anos, mas o crescimento populacional também trouxe diversos novos problemas. A vulnerabilidade social ainda atinge milhares de famílias, em sua maioria compostas por mães solo, geralmente a única provedora da casa.

## 2.2 – UNAS



Em meio a luta pelo direito à moradia e posse da terra, surge a comissão de moradores da favela de Heliópolis, que no ano de 1978 reúne lideranças comunitárias a fim de organizar os moradores para lutarem por melhorias nas condições de moradia e de vida.

Neste período, a comunidade se organizava em diferentes núcleos, com representantes por ruas, que eram solidários entre si na luta pela terra. É comum, nos depoimentos das pessoas que viveram essa época, o relato de que se um núcleo estivesse ameaçado todos os outros iam ajudar a defendê-lo. Os moradores entendiam que se uma casa “caísse”, todas cairiam.

No ano de 1983, os núcleos sentem a necessidade de se unir em uma só organização para melhor dialogar com o poder público, dando origem à UNAS - (União de Núcleos, Associações e Sociedade dos Moradores de Heliópolis e São João Clímaco), formalizada em janeiro de 1990, como um instrumento de voz daquelas pessoas, criada não para representar os moradores, mas por eles ser representada.

Após sua formalização, a UNAS passa a desenvolver projetos sociais em parceria com o Poder Público e outras organizações sociais no território, entendendo que a moradia não era o único direito dos moradores e que sua missão era promover o desenvolvimento integral da comunidade.

É neste contexto que no ano de 1999, após um episódio trágico na história da comunidade: a morte da jovem Leonarda, a UNAS e a EMEF Presidente Campos Salles se aproximam, para enfrentar a violência que aterrorizava a comunidade na época. O trabalho da organização, então, passa a olhar a escola como um potente parceiro local.

Desta parceria surgem cinco princípios, que se antes pertenciam apenas à escola, são incorporados pela UNAS corroborando o entendimento de que independente da frente de luta, a educação é um pilar importante. Sendo assim, os cinco princípios: tudo passa pela educação; escola e projeto como centros de liderança na comunidade onde estão inseridos; autonomia; responsabilidade e solidariedade passam a formar uma espécie de código de ética. Desse encontro entre escola e comunidade organizada nasce, então, o sonho de transformar Heliópolis e Região em um Bairro Educador. Esse sonho se torna a missão da UNAS e é incorporado ao Projeto Político Pedagógico (PPP) da EMEF Pres. Campos Salles.

### 2.3 – CCAS

O Centro para Criança e Adolescente (CCA) é uma política pública da cidade de São Paulo desenvolvida pela Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS) com o objetivo de oferecer proteção social à crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade e risco, mediante o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários.

A UNAS administra em parceria com a Prefeitura onze CCA`s, sendo sete unidades em Heliópolis, e outras 4 unidades em bairros periféricos do entorno. Nesses espaços, a organização atende diariamente 1.460 crianças e adolescentes de 6 a 14 anos no contra turno escolar.

O que diferencia o trabalho realizado nessas onze unidades dos demais da cidade é justamente os princípios adotados no desenvolvimento das ações, pois a UNAS entende cada um desses espaços como um centro de liderança na comunidade onde está inserido. Por isso, não se trata apenas de um local de assistência a crianças e famílias em estado de vulnerabilidade, mas de um espaço de formação de lideranças. Isto, ao mesmo tempo, aumenta a responsabilidade do trabalho e potencializa a força de articulação do equipamento junto a sua comunidade.

A relação de parceria entre projeto e família se dá em diversos momentos. O principal é as visitas domiciliares, muito enfatizadas pela organização, para que os educadores entendam o contexto que vivem seus educandos.

Além disso, as atividades educativas e socioculturais devem estar conectadas com a realidade que as crianças e suas famílias vivem

Porque uma concepção nova esclareceu que educação não é simplesmente preparação para a vida, mas a própria vida em permanente desenvolvimento, de sorte que a escola deve se transformar em um lugar onde se vive e não apenas se prepara para viver. (TEIXEIRA, S/D, S/Pg).

### 3 - HELIPA MUSIC E OS CÍRCULOS DE CULTURA DE PAULO FREIRE

O Festival Helipa Music surgiu no ano de 2010 a partir da ideia de criar um evento que pudesse valorizar os artistas e a cultura de Heliópolis. Em sua primeira edição contou com apresentações em diversas categorias musicais como forró, samba, rap e funk. Reuniu artistas locais e as crianças e adolescentes dos CCA's para cantarem, premiando o "melhor" de cada categoria.

Em 2014, o Festival Helipa Music mudou seu formato, deixando de ser realizado por categorias que premiam o "melhor" de cada uma e passando a ter apresentações a partir de um tema. E é nesse contexto que as crianças e adolescentes se tornaram ainda mais protagonistas da construção do evento, uma vez que expõem suas potências de criação.



Figura 1 - Festival Helipa Music 2018. Foto de Douglas Cavalcante

O amadurecimento do festival, ao criar este tema, fez com que os educandos participassem de um processo de reflexão sobre suas apresentações e letras. Por isso as oficinas de Hip-Hop, que fazem parte das rotinas dos CCAs, ganharam enorme importância. Com um processo pedagógico riquíssimo, que se articula com as concepções e metodologias de Paulo Freire, é neste espaço que os educandos iniciam a composição de suas próprias letras e músicas

Segundo Carlos Rodrigues Brandão (1985), o método de Paulo Freire surgiu por volta dos anos 1960, época em que havia grande efervescência dos movimentos populares de base, como o Movimento de Educação de Base (MEBs) da Igreja Católica e os Centros Populares de Cultura (CPCs) do Movimento Estudantil, dentre outros. A grande preocupação das várias pessoas que se reuniam em torno desses movimentos era ressignificar e praticar ideias de educação e cultura populares.

Nesse sentido, muitos experimentos foram feitos até que o governo federal lançou mão deles em prol de uma campanha nacional de alfabetização de adultos. Infelizmente, esse movimento foi interrompido pelo golpe civil-militar de 1964, meses depois do lançamento da campanha, cujo material didático foi considerado “subversivo” pelos novos donos do poder. Nesse contexto, a esmagadora maioria dos educadores envolvidos nesse movimento foram presos, torturados, mortos e/ou exilados pela ditadura que estava posta.

Paulo Freire foi um dos exilados e espalhou seu método em vários lugares do mundo como Chile, Estados Unidos da América, diversos países da África e da Europa. Retornou ao Brasil só nos anos 1980, voltando a desenvolver, no seu país natal, diversas experiências e estudos, inclusive se tornando Secretário Municipal de Educação de São Paulo. Morreu em 1992, deixando um enorme legado para a educação crítica brasileira e mundial.

Talvez, a essência do método Paulo Freire seja considerar o educando e sua experiência cultural como propulsores do ato educativo, que se torna, assim, um diálogo

A educação, que deve ser um ato coletivo, solidário — um ato de amor, dá pra pensar sem susto —, não pode ser imposta. Porque educar é uma tarefa de trocas entre pessoas e, se não pode ser nunca feita por um sujeito isolado (até a autoeducação é um diálogo à distância), não pode ser também o resultado do despejo de quem supõe que possui todo o saber, sobre aquele que, do outro lado, foi obrigado a pensar que não possui nenhum. “Não há educadores puros”, pensou Paulo Freire. “Nem educandos.” De um lado e do outro do trabalho em que se ensina-e-aprende, há sempre educadores-educandos e educandos-educadores. De lado a lado se ensina. De lado a lado se aprende. (BRANDÃO, 1985: 9).

As oficinas de Hip Hop nos CCAs são fruto da parceria entre a UNAS e o grupo de rap Avante o Coletivo, formado por artistas que, assim como os educandos, são moradores de Heliópolis. Jota-Be, U-China e Xuvisco, formam o coletivo que desde o ano de 2007 expressam suas mensagens através do rap, o grupo se destaca pela forte identidade com a comunidade, na qual há mais de 10

anos ministram as oficinas de Hip-Hop. Esse coletivo desenvolveu uma pedagogia que estimula as crianças a trabalharem a música como ferramenta de mudança.

A primeira etapa deste processo é a escolha do **tema gerador**, em conjunto com todos(as) os(as) trabalhadores(as) dos CCAs, que será desenvolvido ao longo de um ano e serve de “premissa” para todas as atividades que serão desenvolvidas. Geralmente este tema, que inicialmente é igual para todos os CCAs, envolve questões bem abrangentes e, em um segundo momento, os educandos são envolvidos no processo de escolha do “subtema” de cada CCA para aquele ano. Por exemplo, em 2018 o tema gerador geral era Direitos Humanos e o CCA Parceiros da Criança escolheu como subtema os Direitos da Mulher.

Esta escolha temática constitui uma das etapas mais importantes da metodologia, uma vez que vai ligar o ensino dos elementos da linguagem musical – no caso das oficinas de Hip Hop – com os desafios enfrentados pelas crianças e adolescentes que frequentam os CCAs, fazendo com o que o processo como um todo se preencha de sentido ainda mais

Mesmo quando há quem diga que ali tudo é neutro e que foi escolhido ao acaso, ou por critérios de pura pedagogia, todos nós sabemos que quem dá a palavra dá o tema, quem dá o tema dirige o pensamento, quem dirige o pensamento pode ter o poder de guiar a consciência. O Cipriano Neto, aquele do cordel do “Programa”, saberia dizer: “quem dá o mote dá a idéia”. (BRANDÃO, 1985: 10).

É nesse sentido que a escolha do tema é fundamental, pois guiará todo o processo de ensino-aprendizagem que se seguirá. As discussões onde se elege o subtema de cada CCA, então, são uma espécie de um momento de pesquisa. Brandão, ao se referir à metodologia dos Círculos de Cultura para a alfabetização de adultos, explica que esse momento é essencial para o levantamento das formas com que os educandos significam o mundo

Assim, nas primeiras experiências, depois de a comunidade aceitar envolver-se com o trabalho de alfabetização, a tarefa que inicia a troca-que-ensina é uma pequena pesquisa. É um trabalho coletivo, co-participado, de construção do conhecimento da realidade local: o lugar imediato onde as pessoas vivem e irão ser alfabetizadas. Esta primeira etapa pedagógica de construção do método foi chamada por Paulo Freire de vários nomes semelhantes: “levantamento do universo vocabular” (em *Educação como Prática da Liberdade*), “descoberta do universo vocabular” (em *Conscientização*), “pesquisa do universo vocabular” (em *Conscientização e Alfabetização*), “investigação do universo temático” (em *Pedagogia do Oprimido*). De livro para livro algumas palavras mudaram, mas sempre permaneceu viva a mesma idéia: a idéia de que há um *universo de fala* da cultura da gente do lugar, que deve ser: investigado, pesquisado, levantado, descoberto. (...) O que se “descobre” com o levantamento não são homens-objeto, nem é uma “realidade neutra”. São os pensamentos-linguagens das pessoas. São falas que, a seu modo, desvelam o mundo e contêm, para a



pesquisa, os *temas geradores* falados através das *palavras geradoras*. (BRANDÃO, 1985: 13/14).

Isso é um dos mais verdadeiros processos de aprendizagem, pois dessa forma, os educandos dos CCAs falam de um problema que vivem todos os dias em sua comunidade.

Em 2018, o tema do festival foi Direitos Humanos. Para os educandos do CCA Parceiros da Criança, por exemplo, falar de direitos humanos era falar da não violência contra mulher, isso era o que aquelas crianças e adolescentes estavam de alguma maneira vivendo ou sendo impactadas. Sendo assim, produziram a seguinte letra

Chega de machismo  
Chega de machão  
Mulher não é objeto pra sofrer na sua mão  
Chega de machismo  
Chega de machão  
O direito da mulher está na constituição.

Me respeita se você quer respeito  
Por todas as mulheres exigimos nossos direitos  
Respeitem as minas, exijam direitos iguais  
Mulher é bem capaz, merece muito mais

Xô machismo, sexismo e todos ismos  
Um basta na opressão não toleramos isso não  
Um sonho uma vontade, lutar pra ser verdade  
Sociedade justa vigora a igualdade

Mulher fonte de vida não espera e vai à luta  
Marielle presente, referência de conduta  
Ninguém vai nos calar tirar a nossa autonomia  
Seja homem de verdade e pare com essa covardia

Mulher quer seu espaço ter direito à profissão  
Mulher que representa na política em ação  
Mulher quer seu trabalho sua valorização  
Mulher quer seu respeito e não é pia nem fogão.

**Projeto: Centro para Criança e Adolescente – CCA Parceiros da Criança**  
**Música: Chega de Machismo**

Passado o momento de seleção do “subtema gerador”, as oficinas de Hip Hop passam para outra atividade inicial muito semelhante à metodologia freireana dos Círculos de Cultura, tal como ele foi descrito por Brandão: a chuva de palavras. Junto aos educandos, depois de um levantamento sobre os seus saberes e experiências relacionados ao tema gerador, os educadores (oficineiros de Hip Hop) anotam em um quadro as palavras mais importantes ligadas àquele tema, formando assim um universo vocabular daquele grupo

Façamos uma síntese. O objetivo da pesquisa do universo vocabular e temático é surpreender a maneira como uma realidade social existe na vida e no pensamento, no imaginário dos seus participantes. A pesquisa deve ser um ato criativo e não um ato de consumo. A descoberta coletiva da *vida* através da *fala*; do *mundo* através da *palavra* não deve servir apenas para que os educadores obtenham um primeiro conjunto de material de alfabetização palavras, frases, dados, desenhos, fotos. Deve servir também para criar um momento comum de descoberta. Tal como o próprio Paulo Freire desenvolveu depois em suas ideias sobre pesquisa participante, comum significa, aqui, *co-participado* entre pessoas dos dois lados do trabalho de alfabetizar: *agentes de educação e as gentes da comunidade*. (BRANDÃO, 1985: 15)

Para muitas crianças e adolescentes, o processo de composição conjunta - realizado a partir da chuva de palavras, é um dos primeiros contatos delas com a palavra escrita.

Mas, aqui, as palavras não são só um instrumento de leitura da língua; são também instrumentos de releitura coletiva da realidade social onde a língua existe, e existem os homens que a falam e as relações entre os homens. Portanto, as palavras precisam servir para as duas leituras (...) Para serem decodificadas num outro momento de descoberta, o do círculo de cultura, a cada palavra foi associado um núcleo de questões, ao mesmo tempo existenciais (ligadas à vida) e políticas (ligadas aos determinantes sociais das condições da vida). (BRANDÃO, 1985: 16)

Dessa forma, os educandos dos CCAs, ao compor suas músicas, por meio de um processo de alfabetização, escrita, composição, ritmo e puro sentimento, mais do que aprenderem a compor um rap, ampliam as suas formas de ler o mundo.

Em “A importância do ato de Ler” Paulo Freire explica que ler é uma operação que não se esgota na decodificação pura da palavra ou da linguagem escrita, pelo contrário, a decodificação se antecipa e se alonga no que o autor chama de “inteligência do mundo”, “(...) *a leitura do mundo precede a leitura da palavra*.” (FREIRE, 1989: 9).

No entanto, uma não prescinde da outra, pois linguagem e realidade se prendem dinamicamente, dessa forma “*A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto*.” (FREIRE, 1989: 9), isto porque todo texto é também produzido dentro de uma realidade sócio histórica, isto é, todo texto tem em si um contexto.

Nesse sentido, o texto escrito recria, revive na palavra escrita a experiência vivida, por isso, já é em si uma leitura. Esta leitura, porém, não pode significar uma ruptura com a leitura do mundo “(...) *a leitura da palavra foi a leitura da “palavramundo”*” (FREIRE, 1989: 11).

Relacionando esse processo com a alfabetização de adultos, Paulo Freire reitera sua visão de que toda educação é um ato político

Inicialmente me parece interessante reafirmar que sempre vi a alfabetização de adultos como um ato político como um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador. (...) o fato dele [O ALFABETIZANDO] necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura desta linguagem. (FREIRE, 1989: 13)

Assim como qualquer pessoa, incluído os educandos dos CCAs, o alfabetizando é capaz de perceber o mundo. A diferença entre eles e o educador, é que este último também é capaz de ler e escrever. Então, por que é importante ler e escrever? Responde Paulo Freire “(...) a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.” (FREIRE, 1989: 13).

Ana Lúcia Silva Souza no livro “Letramentos de Reexistência – poesia, grafite, música, dança: hip hop” defende que o Hip Hop é um processo de letramento dos grupos periféricos, especialmente os negros, que historicamente foram marginalizados pela educação formal. A autora considera como letramento

(...) tomo como válidas as perspectivas dos novos estudos de letramentos, que compreendem as práticas de letramento como múltiplas e historicamente situadas. Longe de serem homogêneas, pois modeladas e construídas culturalmente, são marcadas pela heterogeneidade e estão relacionadas aos papéis e aos lugares sociais que ocupamos, ou somos impelidos a ocupar, na sociedade.

Os letramentos, para além das habilidades de ler e escrever, podem ser mais bem compreendidos como “um conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem **relações de identidade e poder**” (Kleiman, 1995:11). Essa concepção obriga a considerar os diferentes valores, funções e configurações que o fenômeno assume para diversos grupos, a depender dos contextos locais e de referenciais culturais específicos e também da estrutura que caracteriza os processos sociais mais amplos.” (SOUZA, 2011: 35. Grifo Nosso).

Partindo dessa definição mais ampla de letramento, Souza realizou uma pesquisa participativa com um grupo de artistas ligados ao Hip Hop e, ao fazê-lo, pôde demonstrar que o Hip Hop é uma agência de letramento, principalmente entre os grupos “marginalizados” pela cultura escolarizada, em especial os negros. “É dessa perspectiva que procuro descrever o processo no qual os ativistas do movimento **hip hop** desempenham papel histórico ao incorporar, ressignificar e

*reinventar os usos sociais da linguagem, os valores e intenções do que chamo de letramentos de reexistência.” (SOUZA, 2011: 36)*

Nesse sentido, a autora cunha um termo que consolida o hip hop como uma prática social e cultural através das quais os seus praticantes podem assumir e sustentar novos papéis e funções sociais, tanto em sua comunidade de origem, como para o mundo externo a ela. Entendido dessa forma, o hip hop tem importante papel na disputa pelos significados diversos através dos quais os jovens periféricos constroem suas identidades.

Letramentos de reexistência aqui será a reinvenção de práticas que os ativistas realizam, reportando-se às matrizes e rastros de uma história ainda pouco contada, nos quais os usos das linguagens comportam uma história de disputa pela educação escolarizada ou não. Para os *rappers*, a educação e a posse da palavra são marcadas pelo esforço de reconhecimento de si, desafiando, de diferentes maneiras e em diferentes formatos, a sujeição oficialmente imposta, ainda materializada no racismo, nos preconceitos e discriminações.

A singularidade está nas microrresistências cotidianas ressignificadas na linguagem, na fala, nos gestos, nas roupas... (...) as identidades sociais, sempre em construção, se dão de forma tensa e contraditória, própria de situações em que estão em disputa lugares socialmente legitimados. (SOUZA, 2011: 37)

Nesta perspectiva, o hip hop cria novos usos da linguagem e

também desestabiliza a própria forma como são concebidos seus cânones. Assim, essas práticas se configuram como de reexistência à medida que fazem com que seus praticantes assumam e sustentem novos papéis sociais, tanto em suas comunidades de origem, quanto para fora delas, subvertendo os discursos de poder. (SOUZA, SALA, ANDRADE et. Al, 2019: 22).

No trabalho das oficinas de Hip Hop nos CCAs administrados pela UNAS, essas práticas de letramento são, por isso, também formas através das quais os educandos se reinventam e reconstróem suas identidades, pensando seu contexto social para além daquilo que já é dado a eles enquanto leitura de mundo, escolhendo suas palavras os educandos ressignificam o mundo.

Lixo que desperdício  
Povo sem consciência fica muito mais difícil  
Recicle, recicle, vamos renovar  
Jogar lixo no chão só vai piorar.

Se essa rua, se essa rua fosse minha  
Todo lixo a gente iria reciclar  
Construir vários projetos importantes  
Para a nossa consciência renovar

O planeta necessita de cuidados  
Nossa Terra sofre com a poluição

O ser humano não está preocupado?  
Ou será que essa é a tal evolução?

Pra frente é que se anda  
Plante essa semente, responsabilidade  
Vamos seguindo em frente  
Criança quer crescer com qualidade de vida  
Natureza divina, planeta Terra gira

No trajeto do projeto, na calçada muito entulho  
Carros com paredões fazem muito barulho  
E quando será que a gente vai perceber?  
Que a falta de respeito prejudica principalmente você.

**Projeto: Centro para Criança e Adolescente – CCA Lagoa**

**Música: Lixo que desperdício**

No livro “O que é o método Paulo Freire?”, Carlos Rodrigues Brandão explica que um método é uma maneira de se criar um processo *“Falo sobre como o método educa enquanto se constrói e, portanto, falo de um método como um processo, com as sequências e etapas que ele repete a cada vez; como uma história coletiva de criar e fazer, que é a sua melhor ideia.”* (BRANDÃO, 1985: 6). Nesse sentido, discutir um método de ensino, é discutir um caminho, um fazer. Mas esse fazer nos exige também pensar sobre qual impacto esta ação educativa terá no mundo

Por isso, depois de falar contra que educação a sua se apresenta e como é a educação em que ele crê, é preciso dizer que tipo de mundo ele acredita em um outro, e por que crê que a educação que reinventa pode ser um instrumento a mais no trabalho de os homens o criarem, transformando este que aí está. (BRANDÃO, 1985: 7).

Deve-se fazer uma escolha, que coloque a educação como um dos instrumentos possíveis de contribuição com a transformação do mundo, com a felicidade de todos, com a eliminação de todas as injustiças.

(...) a pesquisa do que chamava universo vocabular nos dava assim as palavras do Povo, grávidas de mundo. Elas nos vinham através da leitura do mundo que os grupos populares faziam. Depois, voltavam a eles, inseridas no que chamava e chamo de codificações, que são representações da realidade. (FREIRE, 1989: 13)



#### 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS - TODOS ESSES MOLEQUES SÃO EU



Figura 2 - Helipa Music 2018. Foto de Douglas Cavalcante

Quando se tem acesso a instrumentos que tem estimulam a ver o mundo, sua visão sobre o mundo se aprimora. É o que acontece com os educandos dos CCAs ao terem acesso à linguagem do Hip Hop e foi o que aconteceu comigo também, cada um desses meninos e meninas são eu, pois ao aprimorar o meu olhar sobre o mundo, aprimorei também minha forma de registrar esse olhar, registro o que meu olho vê, essas coisas bonitas que têm na favela e que nem todo o mundo tem olhos de ver.

## 5 - REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é o método Paulo Freire?**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se complementam. São Paulo: Cortez, 1989.

PERSOLI, Arlete e SANTIS, Marília de. **Memórias de Heliópolis – Raízes e Contemporaneidade.** São Paulo: Ed. Kuzuá, 2013.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de Reexistência – poesia, grafite, música, dança: hip hop.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SOUZA, Ana Lúcia; SALA, Laila; ANDRADE, Luana, et al (Org.). **Vozes de reexistências juvenis: presente!**. 1. ed. Salvador: Editora Segundo Selo, 2019.

Site

UNAS. Disponível em: [www.unas.org.br](http://www.unas.org.br). Acessado em: 10/01/2020.

Músicas

Racionais MCs. A vida é um desafio. Álbum: Nada como um dia após o outro, 2002

Avante O Coletivo. Era uma vez. Álbum Voavante, 2011